



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 27 - dezembro de 2021**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2021i27p154-167>

**Cultura ameríndia e natureza na poética visual de Sérgio Medeiros**

**Ameridian culture and nature in the visual poetics of Sergio Medeiros**

*Angela Guida\**

*Sirley da Silva Rojas Oliveira\*\**

### **RESUMO**

Pretende-se produzir, com este artigo, uma reflexão acerca da poética visual de Sérgio Medeiros, poeta sul-mato-grossense que, atualmente, vive no estado de Santa Catarina, onde também atua como professor universitário. Os poemas visuais de Medeiros estabelecem vigoroso diálogo com a cultura ameríndia sob diferentes aspectos, mas com um olhar especial voltado para a questão do animismo. Seus poemas visuais ou caligramas apresentam cores fortes, imagens de elementos da natureza e, aos poucos, vêm se distanciando de referências verbais, o que faz com que certos poemas pareçam mais obras de artes plásticas, rompendo, desse modo, com as fronteiras da poesia experimental tradicionalmente conhecida. Os poemas apresentados neste artigo serão lidos, preferencialmente, à luz das noções do perspectivismo, que tem sido defendido pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sérgio Medeiros; Animismo; Poesia visual; Perspectivismo; Cultura ameríndia

### **ABSTRACT**

The aim of this article is reflect on the visual poetics of Sérgio Medeiros, a poet from Mato Grosso do Sul, who currently lives in the state of Santa Catarina, where he also works as a university professor. Medeiros' visual poems establish a vigorous dialogue with Amerindian culture under different aspects, but with a special focus on the issue of animism. His visual poems or calligrams present strong colors, images of elements of nature and, little by little, they have been moving away from verbal references, which makes certain poems seem more like works of plastic arts, thus breaking the boundaries of traditional experimental poetry. The poems presented in this article will be read, preferably, in the light of the notions of the perspectivism defended by anthropologist Eduardo Viveiros de Castro.

**KEYWORDS:** Sérgio Medeiros; Animism; Visual poem; Perspectivism; Amerindian culture

---

\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – Campo Grande – MS – Brasil – [angelaguida.ufms@gmail.com](mailto:angelaguida.ufms@gmail.com)

\*\* Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS – Jardim – MS – Brasil – [sirley.oliveira@ifms.edu.br](mailto:sirley.oliveira@ifms.edu.br)

*Recordemos sobretudo que, se há uma noção virtualmente universal no pensamento ameríndio, é aquela de um estado original de indiferenciação entre os humanos e os animais, descrito pela mitologia.*

(Eduardo Viveiros de Castro)

*O outro radical, ou o absolutamente outro, não paralisa, mas abre um mundo novo, o mundo dos contatos e das mesclas impossíveis.*

(Sérgio Medeiros)

“Um olhar diz muito”. Ouvimos essa expressão em conversas triviais do cotidiano em diferentes situações e não nos atentamos para sua potência discursiva. Um olhar diz muito, muito mesmo, sobretudo, quando nos colocamos em exercícios de outridades e nos abrimos a epistemologias outras, como é o caso do perspectivismo ameríndio desenvolvido e defendido por Viveiros de Castro, a partir do contato que estabeleceu com o povo Araweté, habitante da região amazônica, na ocasião de sua tese de doutoramento. Segundo Castro (1996), na etnografia amazônica a relação dos seres humanos e não humanos se dá com base no modo como esses seres se olham e olham o outro, compondo uma cosmologia ameríndia que difere de outras cosmologias, ou seja, levam-se em conta pontos de vista e perspectivas móveis. Assim, poderíamos dizer que o perspectivismo acontece com base em

[...] uma teoria indígena segundo a qual o modo como os humanos veem os animais e outras subjetividades que povoam o universo – deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, fenômenos meteorológicos, vegetais, às vezes mesmo objetos e artefatos –, é profundamente diferente do modo como esses seres os veem e se veem.

Tipicamente, os humanos, em condições normais, veem os humanos como humanos, os animais como animais e os espíritos (se os veem) como espíritos; já os animais (predadores) e os espíritos veem os humanos como animais (de presa), ao passo que os animais (de presa) veem os humanos como espíritos ou como animais (predadores). Em troca, os animais e espíritos se veem como humanos: apreendem-se como (ou se tornam) antropomorfos quando estão em suas próprias casas ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura – veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauim, os mortos veem os grilos como peixes, os urubus veem os vermes da carne podre como peixe assado etc.), seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais, seu sistema social como organizado do mesmo modo que as instituições

humanas (com chefes, xamãs, festas, ritos etc.). (CASTRO, 1996, p. 117; grifos do autor).

Não é apenas uma questão de olhar; antes: é olhar e se pôr em exercícios de outramentos, logo, o perspectivismo pode ser entendido como um olhar outro a partir do momento em que se reconhece, em certa medida, como um “[...] corolário etnoepistemológico do animismo [...]” (CASTRO, 1996, p. 122), que discute epistemes outros presentes em seres que não se limitam ao vivente humano. É o que podemos vislumbrar na poética ameríndia e visual de Sérgio Medeiros, um poeta que, aos poucos, tem inscrito seu nome nas cenas da poesia visual brasileira.

Sérgio Medeiros é natural da cidade-fronteira de Bela Vista, estado de Mato Grosso do Sul e atualmente reside em Santa Catarina, onde atua como docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Medeiros é tradutor, ensaísta e poeta. Em seus poemas, traz muito da linguagem e mitologia ameríndia. O poeta produz, entre outros trabalhos, caligramas nos quais privilegia o uso de imagens, cores e sons. Os personagens que mais protagonizam em suas obras são folhas, galhos, rios, animais, enfim elementos constitutivos da natureza. Aliás, mais que constituição da natureza, esses elementos se apresentam sob a forma do animismo, uma vez que há a convocação de espíritos não só ligados ao humano, mas a todos os seres que compõem a cosmogonia do universo. As entidades não humanas possuem alma, tudo tem linguagem, tudo desenha, tudo dança, tudo fala.

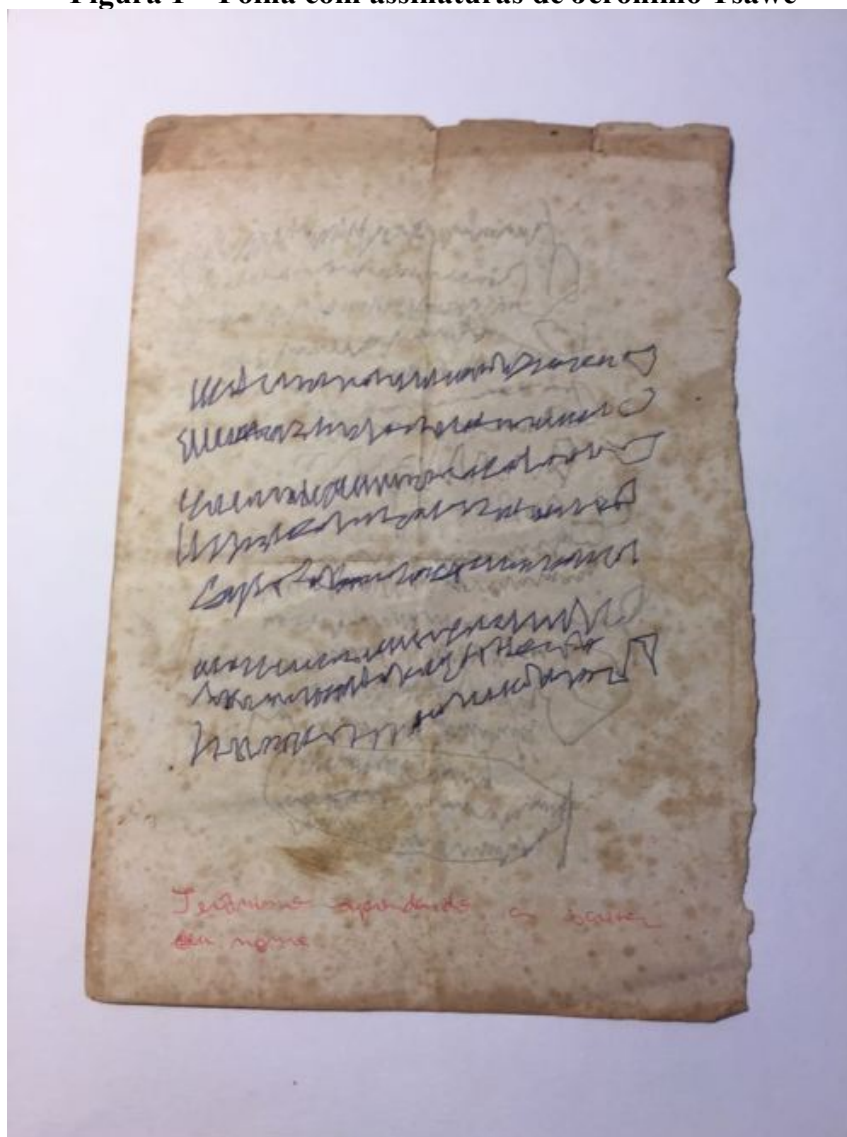
A aproximação de Medeiros com a cultura ameríndia, a qual é nitidamente inspiração para suas produções, iniciou-se na década de 1980, quando o poeta ouviu falar, pela primeira vez, de Jerônimo Tsawé. Medeiros era estudante das Faculdades Unidas Católicas, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, quando teve contato com a história do índio xavante de 100 anos, considerado um sábio em sua aldeia. Por intermédio dos padres salesianos, autores da *Enciclopédia Bororo*, Medeiros conheceu as narrativas de Jerônimo Tsawé em dois volumes: *Jerônimo Conta* e *Jerônimo Sonha*, publicadas pelos salesianos em 1975. Na pós-graduação, Sergio Medeiros começou a viajar até a aldeia onde Jerônimo morava, em Mato Grosso, a fim de estudar as narrativas Xavantes. Foi em meio a suas pesquisas que, certa vez, recebeu uma folha de Jerônimo Tsawé com grafismos (Fig. 1), os quais o indígena dizia ser sua assinatura. Essa folha se tornou a capa de um dos livros de Medeiros – *Figurantes* (2011) (Fig. 2) – livro no qual seres outros como insetos, passarinhos, andarilhos assumem o

protagonismo da narrativa. A assinatura de Jerônimo Tsawé ainda foi fonte de inspiração para vários poemas. Esse encontro-doação, Medeiros nos relata logo no início de *Figurantes*.

Em 1987, conheci o índio xavante Jerônimo Tsawé, então com 100 anos de idade. Ele estava aprendendo a escrever e me ofereceu, numa folha de papel, várias versões de sua assinatura. Essa folha é reproduzida na capa deste livro.

O autor  
(MEDEIROS, 2011, p. 10).

**Figura 1 – Folha com assinaturas de Jeronimo Tsawé**

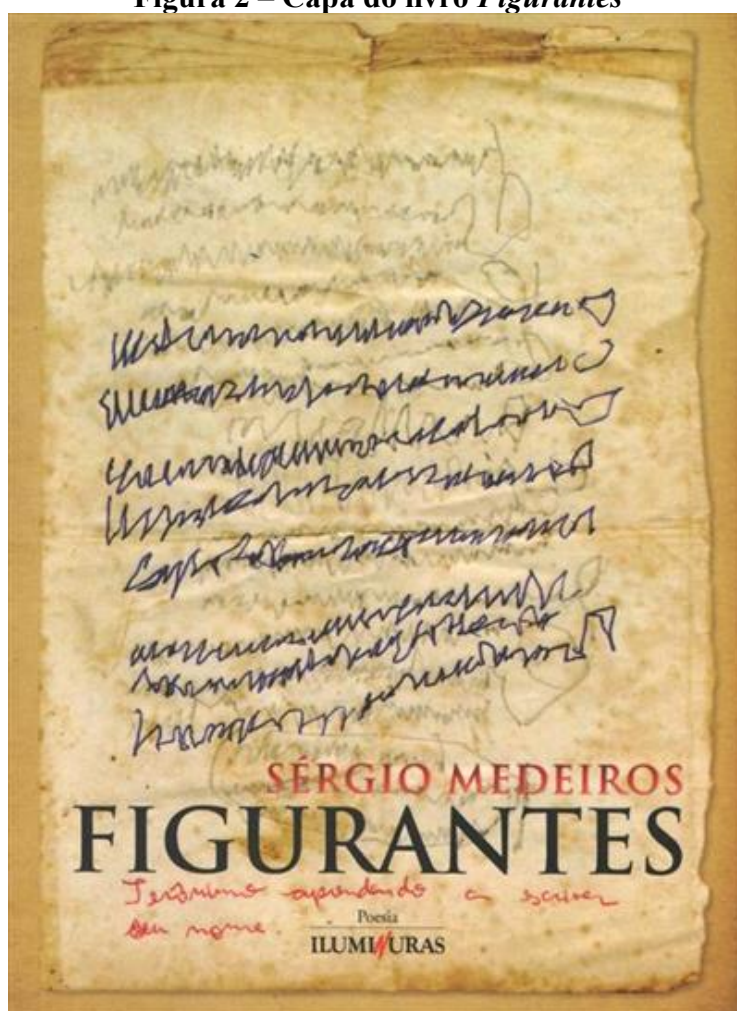


Fonte: <https://medeirossergio.wordpress.com>. Acesso em: 21 nov 2021

Parte significativa da poética de Sérgio Medeiros está disponível em seu *blog*, onde postou a folha com imagem das assinaturas de Jerônimo Tsawé e, a partir disso, a produção conjunta, em que a escrita de Medeiros se entrelaça na escrita do indígena.

ESCULTURAS DE CALIGRAFIAS (excertos): neste livro visual (ainda inédito), apresento esculturas pescadas (como diria Manoel de Barros) na caligrafia fantasiosa do índio xavante Jerônimo Tsawé – tento, em cada poema, traçar algo com a minha mão, que imagino guiada pela mão dele; então ponho essa escrita que fizemos (quase) juntos em pé na página. Nos pedestais escrevi (e borrei) alguns nomes importantes para mim: Brancusi, Vicuña, Smith, Tunga, Mendieta, Serra, Klein, Conceição dos Bugres, Arman, Kapoor etc. (MEDEIROS, 2018, p. 1).

**Figura 2 – Capa do livro *Figurantes***



Fonte: arquivo pessoal (2011)

Como se pode ver, a assinatura do indígena não se limitou à capa do livro *Figurantes*, pois Medeiros postou, em seu *blog*, uma sequência de quatro poemas

visuais que, segundo ele, teriam sido inspirados pela escrita de Jerônimo Tsawé. Mesmo nos poemas visuais que não fazem referência direta à assinatura de Tsawé, a cultura ameríndia, bem como elementos da natureza, se fazem presentes, uma vez que Medeiros traz para a cena crenças e costumes advindos da cultura ameríndia, como, por exemplo, a ideia de que todo ser é animado, ou seja, um rio, uma árvore, uma flor, tudo tem alma. Na cultura ameríndia se parte do princípio de que todos os seres são animados, logo, o vivente humano é apenas mais um na teia da vida. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak fala da relação íntima que seu povo tem com os rios. “O rio Doce, que nós, Krenak chamamos de Watu nosso avô, é uma pessoa, não um recurso como dizem os economistas. Ele não é algo que alguém possa se apropriar.” (KRENAK, 2020, p. 40). Esse sentimento de que o rio é fundamental para a vida humana também faz parte da obra do poeta Sérgio Medeiros, que após seu contato com os índios Xavantes, trouxe muito da perspectiva desses povos para sua obra e, uma delas é *Os caminhos e o rio* (2019a), em que, na primeira parte, Medeiros produz 11 poemas, sendo que dez deles são caminhos (“O Caminho Animal”, “O Caminho Celestial”, “O Caminho Assombrado”, “O Caminho Rude”, “O Caminho Extravagante”, “O Caminho Poético”, “O caminho árduo”, “O Caminho Iluminado” e “O Caminho Real”) e o último poema é “O rio doce”, o mesmo nome do rio que passa pela aldeia dos Krenak. Na sequência, Medeiros compõe 32 caligramas coloridos, nos quais os rios e seus caminhos são apresentados ao leitor por meio de imagens e cores. Na contracapa, o poeta menciona os rios que desaguam no livro – “[...] a obra é atravessada por um ou vários rios: o rio Apa, o rio Sena etc.” (MEDEIROS, 2019a). O Apa, menos famoso que o Sena, é o rio da memória afetiva do poeta, natural de Bela Vista, Mato Grosso do Sul, cidade banhada pelo rio Apa.

Antes dos poemas propriamente ditos, Medeiros tenta criar rotas (serão essas rotas vício de professor? O professor de literatura disputa espaço com o poeta?) para o leitor e alerta para o jogo entre ficção e realidade que atravessa *Os caminhos e o rio*. Medeiros também diz que os caligramas são uma homenagem a Paris, cidade onde o italiano de nascimento, Apollinaire, viveu e produziu sua poesia experimental no início do século passado.

O traço sancionado e o traço fantasioso se misturam e fluem juntos. Esses traços são o poema, que é feito, assim, de muitos poemas reais e imaginários. Atribui-se o poema ora impresso ao Jardineiro Doudo, cuja obra é atravessada por um ou vários rios: o rio Apa, o rio Sena

etc. Guillaume Apollinaire, um típico francês imaginário nascido em Roma com outro nome, sonhava colorir os seus famosos caligramas; aqui, todos (ou quase todos) os caligramas estão doudamente coloridos.

[...]

Esses caligramas sugerem (de perto e de longe) um curso de água que se perpetua e se diversifica; às vezes, a água é atravessada por pontes. As florestas e as cidades acompanham o rio, e alguns caminhos o cruzam. (MEDEIROS, 2019a, p. 32).

*Os caminhos e o rio* é uma obra dividida em duas partes: na primeira, composta pelos dez caminhos e um rio, o rio Doce, o poeta se utiliza apenas de elementos verbais; na segunda, a plasticidade assume o protagonismo do livro e as palavras vão se transformando em cores e linhas sinuosas como os rios. Nos dez caminhos que antecedem o rio, o poeta convoca muitos animais para fazer, com ele, sua travessia poética: o cachorro distraído, o inseto prateado, a garça verde-esmeralda, os pássaros de asas fechadas, os peixes amarelos. Nos dez caminhos, a travessia é feita a partir da perspectiva de cada animal que surge nos versos de Medeiros e põe em xeque a supremacia do humano, que tende a observar o mundo, sempre, sob sua perspectiva centrada, o que, a nosso ver, tem contribuído para tanto descuido com todas as formas de vida que habitam a Terra.

No caminho intitulado “O rio doce”, numa profusão de imagens e sons descritos, Sérgio Medeiros parece nos trazer o caudaloso rio para dentro de casa e, ao mesmo tempo, nos faz refletir acerca dos indóceis ruídos que o vivente humano tem praticado contra a natureza. Chuveiro e helicóptero se cruzam, porque, nesse livro, “a escrita real é imaginária”, nos diz Medeiros.

- quando o poeta liga de madrugada o chuveiro o som  
de um helicóptero se aproxima da casa e no instante em que  
a água molha o piso uma luz varre os azulejos da parede  
- no domingo de manhã sem sol o velho barco amarelo  
se afasta rápido sem ruído enquanto outros  
escuros  
acionam os motores indóceis imóveis na água tremida. (MEDEIROS,  
2019a, p. 23).

Na segunda parte de *Os caminhos e o rio*, composta pelos 32 caligramas já anunciados, percebemos um caminho que nos parece que está sendo feito pelo poeta Sérgio Medeiros ao longo de sua produção visual – sua escrita tem ficado cada vez mais rudimentar, numa espécie de volta às origens, em que os viventes se entendiam por

formas outras além da palavra escrita ou dita. Em várias obras de Medeiros, as palavras dão lugar aos traços e grafos, muitos deles fazendo menção a elementos da cultura ameríndia, o que nos permite vislumbrar certa dose de militância em favor das causas ambientais e indígenas. Na obra *Caligrafias ameríndias* (2019b), há páginas em que os poemas visuais são traços e desenhos de aves e de palmeiras. Na parte intitulada “A caligrafia do urubu”, por exemplo, há tão somente o traçado dessa ave e, qualquer escrita advinda dessa imagem, somos nós leitores que a faremos. O poeta da fronteira embaralha as fronteiras e nos oferece uma poesia que caminha no limiar entre a imagem e a palavra.

Como boa parte dos poetas visuais, Medeiros também bebeu na fonte dos poetas Apollinaire, Mallarmè, Augusto e Haroldo de Campos. Aliás, no livro digital *N Descritos* (2020), Medeiros fala de suas influências, sobretudo, a do poeta Haroldo de Campos. “Ao chegar aos 60 anos de idade em 2019, resolvi não fazer uma antologia de minha poesia, mas sim homenagear o mestre com quem aprendi tanta coisa, Haroldo de Campos.” (MEDEIROS, 2020, p. 2). A poesia visual que Sérgio Medeiros vem produzindo, a nosso ver, aproxima-se do que Carlos Reis diz acerca da poesia experimental produzida na contemporaneidade: “[...] se abre a diversas influências culturais, cruzando-se ainda com outras linguagens e materiais artísticos: as escritas ideográficas, a pintura, a publicidade, a televisão etc.” (1999, p. 334).

A influência cultural ameríndia é, sem dúvida, um traço evidente na poesia visual de Sérgio Medeiros, bem como a pintura. Há caligramas de *Os caminhos e o rio*, por exemplo, que podem ser lidos como uma pintura, tamanha sua plasticidade. Vejamos o Caligrama de número 20 (Fig. 3), em que as tintas carregadas no vermelho e no preto nos sugerem o lamento do poeta pela morte de tantos rios, entre eles, o rio Doce, citado na primeira parte do livro, e que nos últimos anos vem, sistematicamente, sendo agredido pela ação predatória das mineradoras de Minas Gerais.



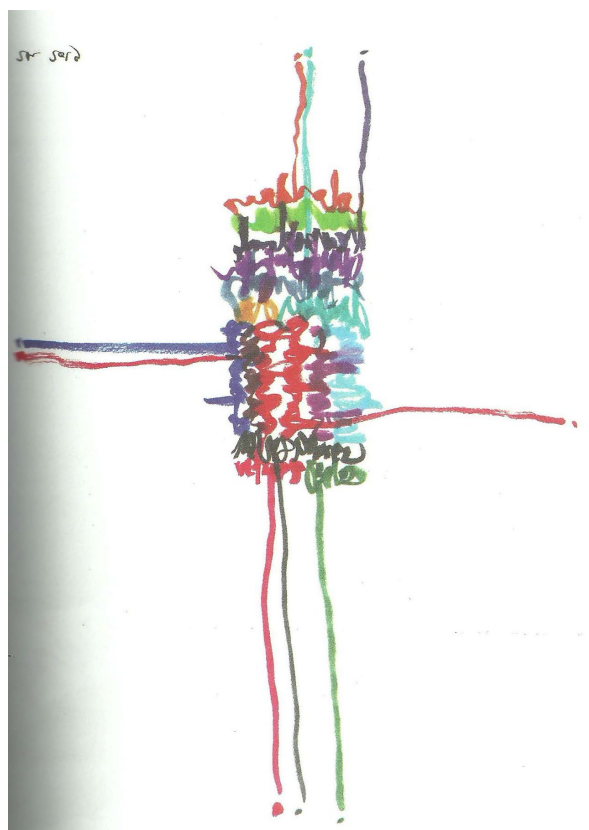
**Figura 3 – Caligrama 20**



**Fonte: *Os Caminhos e o Rio*. Arquivo pessoal**

Nos caligramas seguintes (Fig. 4, 5 e 6), vislumbramos em seus traços-rios (os grafismos do indígena Jeronimo Tsawé passeiam pelas águas desses caligramas-rios) as veias que sustentam as cidades. Se as veias são obstruídas, não há como respirar, logo, não são apenas os rios que perdem a vida, mas as cidades, o Planeta. Talvez, por isso mesmo seja tão urgente e necessário ouvir as vozes ameríndias que nos dizem que os rios têm alma... quem sabe, assim, não aprendemos a olhar para os rios e para a natureza, com um olhar menos centrado no ego humano. Ou melhor: quem sabe, assim, não aprendemos a nos deixar olhar também e dar ouvidos ao que os rios têm a dizer sobre nós. Mas, para isso, é necessário, como dizem os versos do poeta da natureza, Alberto Caeiro, “uma aprendizagem de desaprender”. Nesse sentido, acreditamos que a poesia visual de Sérgio Medeiros, fortemente comprometida com as causas ambientais, possa ser um dos dez caminhos que nos levem à preservação dos rios e, por conseguinte, de todos os seres que compartilham conosco esse espaço que aprendemos a chamar de Terra.

**Figura 4 – Caligrama 13**



Fonte: *Os Caminhos e o Rio*. Arquivo pessoal

**Figura 5 – Caligrama 21**



Fonte: *Os Caminhos e o rio*. Arquivo pessoal

**Figura 6 – Caligrama 23**



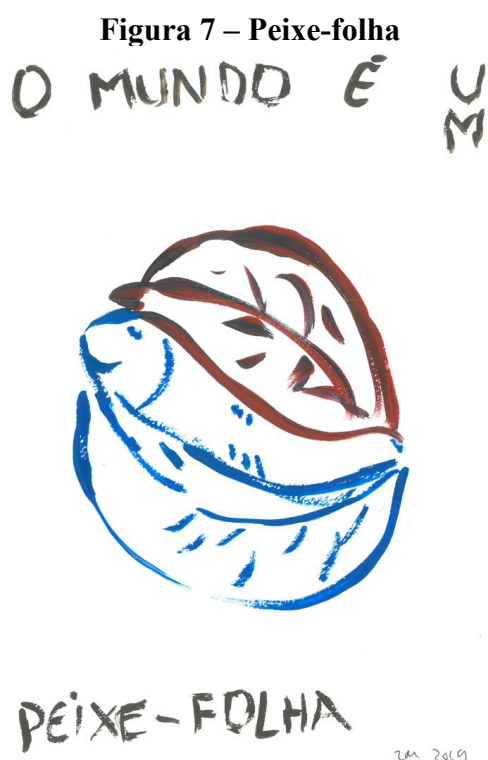
Fonte: *Os Caminhos e o rio*. Arquivo pessoal

O livro *Caligrafias Ameríndias*, como já pontuado, é outra obra compósita na qual Sérgio Medeiros explora as múltiplas potencialidades da palavra e da não palavra, em que grafos e letras nos convocam a questionar antropocentrismos e tantos outros ismos que pensam o mundo como um espaço-tempo dissonante entre os seres, nos convocam a brindar àqueles que dão voz aos peixes, às pedras, às fibras e aos urubus, como é o caso do texto grafo “A caligrafia do urubu”.

Y. – Gostaria de propor um brinde à prosopopeia!  
X. – Por que à prosopopeia e não ao jardim dos grafos do nosso amigo?  
Z. – Ainda não mostrei a vocês o meu jardim...  
Y. – Exatamente! Por isso gostaria de fazer um brinde...  
X. – À prosopopeia?  
Y. – Sim, à prosopopeia, e sabem por quê? Porque o falante plural fala por todo mundo, ele são todos e ninguém; então agora, graças a ele, nós temos voz!  
Z. – O falante plural realmente lhe deu voz, senhorita ema...  
X. – Mas os tiranos vão tirar! Não apreciam tríos inteiramente falantes como a gente!  
Y. – *Um brinde aos que dão voz à pedra, aos peixes, à fibra... porque o mundo agora é uma febre de falares!* (MEDEIROS, 2019b, p. 22; grifos nossos).

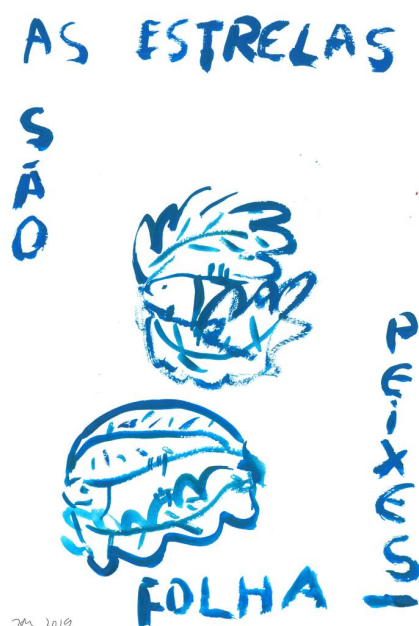
Por fazer uso, em sua poesia, de muitos recursos que vão para além das palavras escritas, o espaço virtual tem sido um bom aliado de Sérgio Medeiros e boa parte de suas produções podem ser acessadas em seu *blog* Totem, como é o caso da sequência de imagens que constituem o poema cosmogônico “É um peixe-folha” (Fig. 7, 8 e 9). Poemas em que o perspectivismo e o animismo, uma vez mais, são convocados à produção do poeta. Como ele mesmo diz, um poema cosmogônico, afinal, o peixe-folha é mundo, deuses, estrelas... o peixe-folha sou eu, o peixe-folha é você.

Fragmentos do meu poema cosmogônico – ‘É um peixe-folha’. Reza a minha cosmogonia ‘– o mundo é um peixe-folha – a lua é um peixe-folha – as estrelas são peixes-folha – os deuses são peixes-folha – eu sou um peixe-folha – um peixe-folha é um peixe-folha – dois peixes-folha nunca são iguais’. (MEDEIROS, 2019c, p. 1).



Fonte: <https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 21 nov 2021

Figura 8 – Peixe-folha



Fonte: <https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 21 nov 2021

Figura 9 – Peixe-folha



Fonte: <https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 21 nov 2021

À guisa de conclusão, resta-nos dizer que, mais do que produzir uma poética visual que leva o experimentalismo ao máximo da experimentação poética, a poesia visual de Sérgio Medeiros se diferencia porque ela se inscreve num tempo em que discutir a relação do vivente humano com outros viventes não se limita a estudos

biológicos, ambientais, geográficos etc. Desse modo, a poética ameríndia e visual de Sérgio Medeiros nos convida a olhares para cosmogonias e epistemologias outras, com novos espaços e tempos para, como bem diz o poeta acerca da linguagem ameríndia, tão cara a sua produção, propiciar o encontro com “[...] o outro radical, ou o absolutamente outro, não paralisa, mas abre um mundo novo, o mundo dos contatos e das mesclas impossíveis.” (MEDEIROS, 2006, p. 1). E quem sabe, assim, possamos exercitar a escrita não apenas de novas formas poético-literárias, mas a escrita da nossa história nesta casa chamada Terra, num tempo chamado rio, lembrando o belo livro de Mia Couto.

## REFERÊNCIAS

- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Schwarcz S. A, 2020.
- MEDEIROS, S. **N Descritos com rimas**. [Recurso eletrônico on-line]. São Paulo: Iluminuras, 2020. Disponível em: <https://medeirossergio.blogspot.com/>. Acesso em: 22 out. 2021.
- MEDEIROS, S. **Os Caminhos e o Rio**. São Paulo: Iluminuras, 2019a.
- MEDEIROS, S. **Caligrafias ameríndias**. Curitiba: Medusa, 2019b.
- MEDEIROS, S. **Totem**. 2019c. Disponível em: <https://medeirossergio.wordpress.com/page/2/>. Acesso em: 22 out. 2021.
- MEDEIROS, S. **Esculturas de caligrafias**. 2018. Disponível em: <https://medeirossergio.wordpress.com/2018/01/17/metamorfoses-pagas/>. Acesso em: 22 out. 2021.
- MEDEIROS, S. **Figurantes**. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- MEDEIROS, S. Entrevista. [Entrevista cedida a] Rodrigo de Souza Leão. **Blog Totem**, 2012. Disponível em: <https://medeirossergio.wordpress.com/2012/06/19/entrevista/#more-25>. Acesso em: 22 out. 2021.
- REIS, C. A poesia lírica. *In*: REIS, C. **O conhecimento da literatura**. Introdução aos estudos literários. 2. ed. Coimbra: Almedina, 1999. p 31-68.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2021.

*Data de submissão: 16/06/2021*

*Data de aprovação: 27/08/2021*